



NUNCA SE PLANTOU TANTO

A política ambiental do GDF, explica o chefe do Departamento de Parques e Jardins, é fiel às recomendações de Lúcio Costa, autor do projeto de construção do Plano Piloto. Nesse projeto, ele recomenda que a solução para o problema residencial é a criação de uma seqüência contínua de grandes quadras, dispostas em ordem dupla, singelas, localizadas em ambos os lados da faixa rodoviária, e emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, árvores de porte, prevalecendo em cada quadra determinada espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbustos e folhagens. Com isto, se cria um microclima ideal para a umidade do ar, que é baixa, na região do Planalto Central".

Ozanan acrescenta que, somente no período 85-87, foi plantado 1,3 milhões de metros quadrados de grama em Brasília. "Nenhum governo anterior, ao longo dos 28 anos de história da cidade, plantou tanto. Os governos anteriores, aliás, quando tinham problemas de caixa, para o orçamento do GDF, a primeira coisa que eles diziam era: tira a verba do DPJ para aplicar noutra área, como se o verde não tivesse nenhuma importância".

Ozanan, nos seus cálculos, garante que esse 1,3 milhão de metros quadrados de grama plantado na

cidade nos últimos dois anos equivaleria a 163 campos de futebol do tamanho do Estádio Mané Garrincha ou do tamanho do Maracanã.

Melhorar a Vida

A política de meio ambiente do GDF parte do princípio filosófico de que "é preciso melhorar a vida. O ajardinamento é a pintura do processo de urbanização. Depois que toda a infra-estrutura está pronta, como água, esgoto, asfalto, etc., é que o DPJ entra com o plantio do verde", explica Ozanan, destacando um fato curioso: nos anos anteriores ao governo civil da Nova República, esse princípio "muitas vezes não era obedecido, o que resultava em desperdício de verbas públicas, porque numa área gramada onde não existisse infra-estrutura de saneamento básico, por exemplo, era necessário remover toda a grama para depois das obras prontas se fazer um novo replantio".

Mas que tipo de árvore ou arbusto os homens do GDF plantam no solo de Brasília? O chefe do DPJ tem a resposta. "Até nisso houve uma mudança: antes se plantava muita planta exótica em Brasília, plantas que não se adaptavam ao nosso clima. Hoje, só plantamos árvores nativas, típicas da vegetação do cerrado, como *acácia*, *inegra*, *albisa*, *flamboyant*. Eu me lembro que

em 1973 nós chegamos a perder 20 mil espécies de árvores exóticas que foram plantadas e que não se adaptaram ao nosso clima e morreram".

Ozanan assegura que este quadro mudou. "Estamos trabalhando dentro de nossa realidade ecológica. Plantamos *ipês* de todas as espécies, roxo branco; *languim*, *jequitibá*, *aroeira*, *gonçalo alves*, etc. Em resumo: plantamos espécies das matas ciliares do cerrado que não têm problemas de adaptação ecológica. Nas cicloviárias, por exemplo, plantamos pomares ecológicos. Não se trata de pomares que dão frutos para o consumo humano. São pomares ecológicos que dão frutos para o alimento dos pássaros, para o alimento da fauna".

Esses pomares ecológicos podem ser vistos pelos brasilienses na *ciclovía do Lago Sul* — este ano, serão plantados na Ciclovía do Lago Norte — e no Parque da Cidade, onde existem plantios de árvores cujos frutos podem ser consumidos pelo brasiliense: amoras, abacateiros, jenipapeiros, goiabeiras, pitangueiras, etc. Com isso, aumenta o número de pássaros e o número de árvores. "É uma política poética de meio ambiente. Mas nós temos que acreditar nessa poesia", enfatiza o chefe do DPJ. E a preservação dessas espécies, como fica? Ozanan, quando fala deste tema, não esconde uma ponta de tristeza embargada na voz.